

introdução

Paris, 10 de maio de 1968

Situacionistas participam da edificação e defesa das barricadas da rua Gay-Lussac. *Dia 14* Recém fundado o Comitê Enragés (raivosos) da Internacional Situacionista (IS), funde-se com a elite dos extremistas de Nanterre controlando no dia seguinte o Comitê de Ocupação da Sorbonne, que convoca, no dia 16, "a ocupação imediata de todas as fábricas na França e a formação de conselhos operários". *Dia 17* Os situacionistas são derrotados na Assembléia Geral reunida na Sorbonne, mesmo assim lutam pela manutenção das ocupações. Em fins de junho os principais membros situacionistas são exilados. O último grito das vanguardas artístico-políticas européias ecoava nas barricadas parisienses de maio de 68. No ano seguinte, a IS se dissolve.

Se podemos considerar maio de 68 como uma ruptura efetiva entre a filosofia e a Instituição, como sugere Dominique Grisoni, em que o pensamento busca "nomadizar-se, abandonar os seus códigos estabelecidos para se exprimir sem apresentar certificados de passagem", o movimento da IS foi, entre as vanguardas experimentais do pós-guerra, um dos que levaram às últimas consequências a aproximação entre a arte e a vida, tomando a rua como elo de ligação entre a filosofia e a política. Mas de onde emerge essa poética nômade que se manifesta nas metrópoles contemporâneas, fazendo das ruas e praças — como diziam os situacionistas — um espaço vivido através de uma topografia de desejos?

O movimento Informal, logo após a Segunda Grande Guerra, retoma a relação da linguagem com a existência, rompendo com a afirmação da linguagem a nível de uma elaboração conceitual da forma.² O mundano deixa de ser tema da linguagem para nela penetrar como matéria-prima. O Informal "renuncia à linguagem para reduzir-se a ato puro".³ A poética do gesto, que também se manifestará com o expressionismo abstrato da pintura

norte-americana, ampliará a tradição do automatismo imaginativo surrealista, retomando-o não mais como procedimento metodológico, mas ao nível da vida, no plano existencial do risco efetivo.

A ênfase na violência gestual estará presente na Internacional dos Artistas Experimentais, surgida em 1948. Em sua revista *Cobra*, de Copenhague, Bruxelas e Amsterdã, locais de origem dos principais participantes do movimento, o pintor dinamarquês Asger Jorn afirma: o quadro é "o local perigoso de uma experiência integral do homem..." A realização de experiências na busca dos princípios de uma nova criatividade, na qual a intencionalidade operativa é privilegiada, leva os participantes do Cobra a darem mais importância ao ato de criar que ao resultado da criação. "A arte é situada em um nível pré-linguístico e pré-técnico e a atividade do artista se reduz ao gesto".⁴

Em 1952, após o fim do Cobra, Constant Nieuwenhuis, que dele participara, formula junto com o arquiteto holandês Aldo Eyck o colorismo espacial, propondo a criação de situações espaciais surpreendentes. Um ano após, o pessoal da Internacional Letrista, que se reunia no café Chez Moineau, em St-Germain-des-Près, Paris, afirma em sua revista *Pottatch*: "...nosso negócio não é uma escola literária, uma renovação da expressão, um modernismo. Trata-se de uma maneira de viver que passará por explorações e formulações provisórias, que tende ela mesma a se exercer apenas de modo provisório". Adota, então, o escrito de Gilles Ivain,⁵ pseudônimo de Ivan Chtcheglov que, com 19 anos de idade, formula as primeiras idéias de um urbanismo do desejo, onde a arquitetura modificar-se-ia conforme a vontade de seus habitantes. Nesse texto encontram-se

aos

1 Grisoni, Dominique *org*
Políticas da Filosofia
Moraes Editores
Lisboa 1977

2 Crispolti, Enrico
Pittura d'avanguardia nel dopoguerra in Europa
Fratelli Fabbri Editori
Milano 1970

3 Argan, Giulio Carlo
El arte moderno 1770-1970
Fernando Torres Editor
Valencia 1976

4 Argan, op cit

5 Ver **Formulário para um novo urbanismo**, um dos textos da Internacional Situacionista, p 20

À deriva

Carlos Roberto M de Andrade

situacionistas

as idéias fundamentais para se entender os novos rumos da vanguarda experimental: a *construção de situações*, fazendo da arquitetura um meio para redefinir as noções de espaço e tempo, e a *deriva contínua*, de tal modo que "a mudança de paisagem de hora em hora será responsável pela expatriação completa".

A IS será fundada em 1957, em Cosio d'Arroscia, Itália, a partir da confluência de um conjunto de tendências e movimentos das vanguardas artísticas e políticas europeias. Postulando uma arquitetura móvel em um urbanismo de aventuras, a IS destilará a crítica radical à arquitetura e ao urbanismo funcionalistas, pleiteando para eles o estatuto de meios de criação de novos desejos, fatores de potenciação das paixões humanas, instrumentos oníricos por excelência. A noção mesmo de urbanismo será dissolvida na de cenário (*décor*) ou ambiente. Em um de seus boletins, lemos: "a concepção primitiva do urbanismo atual, como uma organização de edifícios e espaços segundo princípios estéticos e utilitários, deverá ser superada por uma concepção de habitat como cenário para a totalidade da vida, como criação coletiva ao nível de uma arte verdadeira, complexa por meios variados", daí o caráter unitário do urbanismo que propõem, realizando em si o conjunto das formas expressivas.

A poética do gesto, com a IS, adquire a dimensão do urbano, ultrapassando os limites do movimento Informal. A deriva preconizada pela IS, distinta do passeio e da viagem turística, é o gesto largo de perambulação pela metrópole, e "o modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana", que busca romper com a banalização da vida cotidiana, constituindo-se, assim, em meio de resistência a um urbanismo inibidor dos desejos e disciplinador. A fonte da IS, nesse sentido, foi o Comitê psico-geográfico de Londres que, nas pesquisas de Abdelhafid Khatib, trabalhava a noção de deriva experimental, procurando desvendar as relações entre espaço e comportamento. Entendida como o "estudo dos efeitos precisos do meio geográfico, conscientemente organizado ou não, agindo diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos", a

psico-geografia pressupõe a cidade como sendo também a representação que os cidadãos têm dela, isto é, a cidade enquanto usina do imaginário social.

Por outro lado, a construção de situações resultará da articulação de duas questões: a do manejo e controle das técnicas de comportamento pelos elementos arquitetônicos e a do jogo como alternativa revolucionária a uma vida planificada. Contra o funcionalismo redutor do lúdico na vida cotidiana, a IS proporá fazer da vida um grande jogo de desejos e agente de fermentação de novos desejos. A situação construída será definida como "momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de um ambiente unitário e de um jogo de acontecimentos". Resgatando o *homo ludens* de Huizinga, a IS lutará pela autonomia dos lugares, propondo, em um universo concentracionário, a liberdade dos territórios, através da construção de situações. Redefine-se, assim, o papel do público, o qual, de passivo e figurante no urbanismo funcionalista, passa a intervir como vivificador. "A situação é ao mesmo tempo uma unidade de comportamento no tempo. Ela é feita de gestos contidos no cenário de um momento. Esses gestos são o produto do cenário e deles mesmos. Eles produzem outras formas de cenário e outros gestos".

Constant, no Manifesto do Grupo Experimental, publicado pela revista *Reflex*, em 1948, preconizava a prática, pelo jogo, da subversão dos sistemas, dizendo que, "assim fazendo, acamparemos em uma marginalidade errante onde se pode jogar sem regras". Habitando Paris e depois Londres, entre 1950 e 1952, Constant, da mesma maneira que Baudelaire e Quincey, irá derivar pelas ruas e quarteirões dessas metrópoles, reconhecendo em seus espaços *núcleos de densidade insuspeitos*, forças obscuras marcando as formas e revelando signos. O espaço existencial que Constant propõe, em substituição ao espaço funcional da cidade-máquina, manifesta-se em territórios de irrupção e potenciação de desejos, que criam encontros e percursos infinitos, labirintos para uma errância lúdica e libidinosa, *festa coletiva sem começo nem fim, enfim, a politização da rua.*

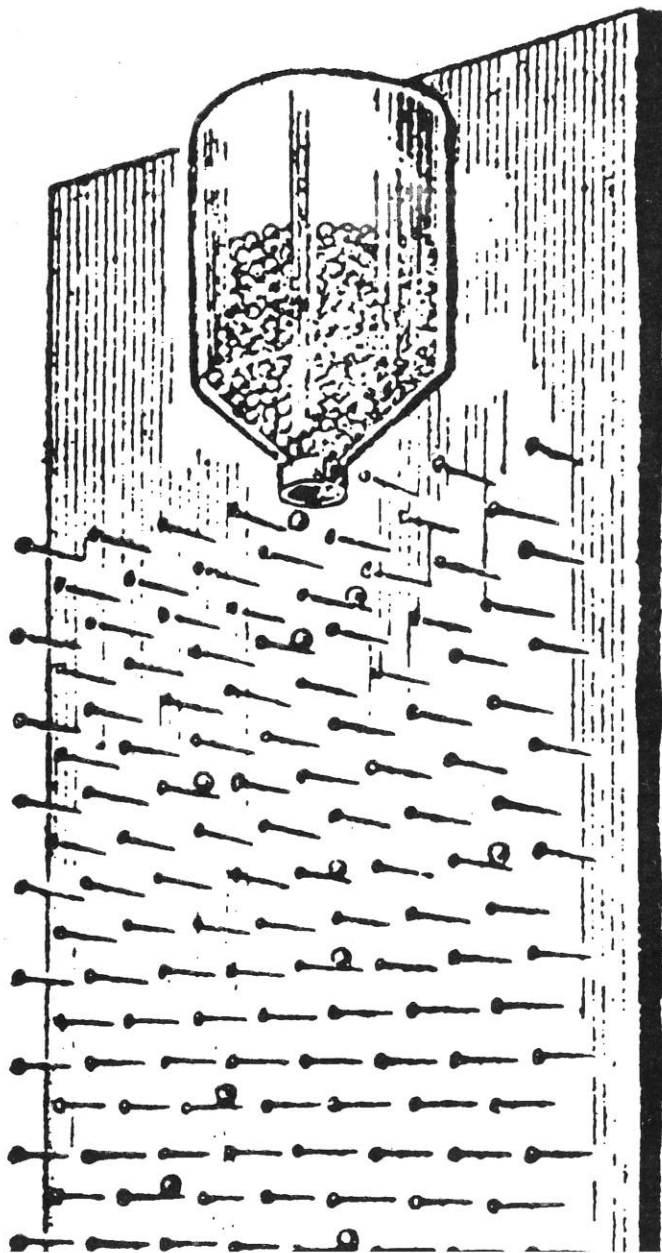
A atenção de Constant pelo espaço nômade busca desvendar o caráter de suas relações com as formas sedentárias da cidade, Em fins de

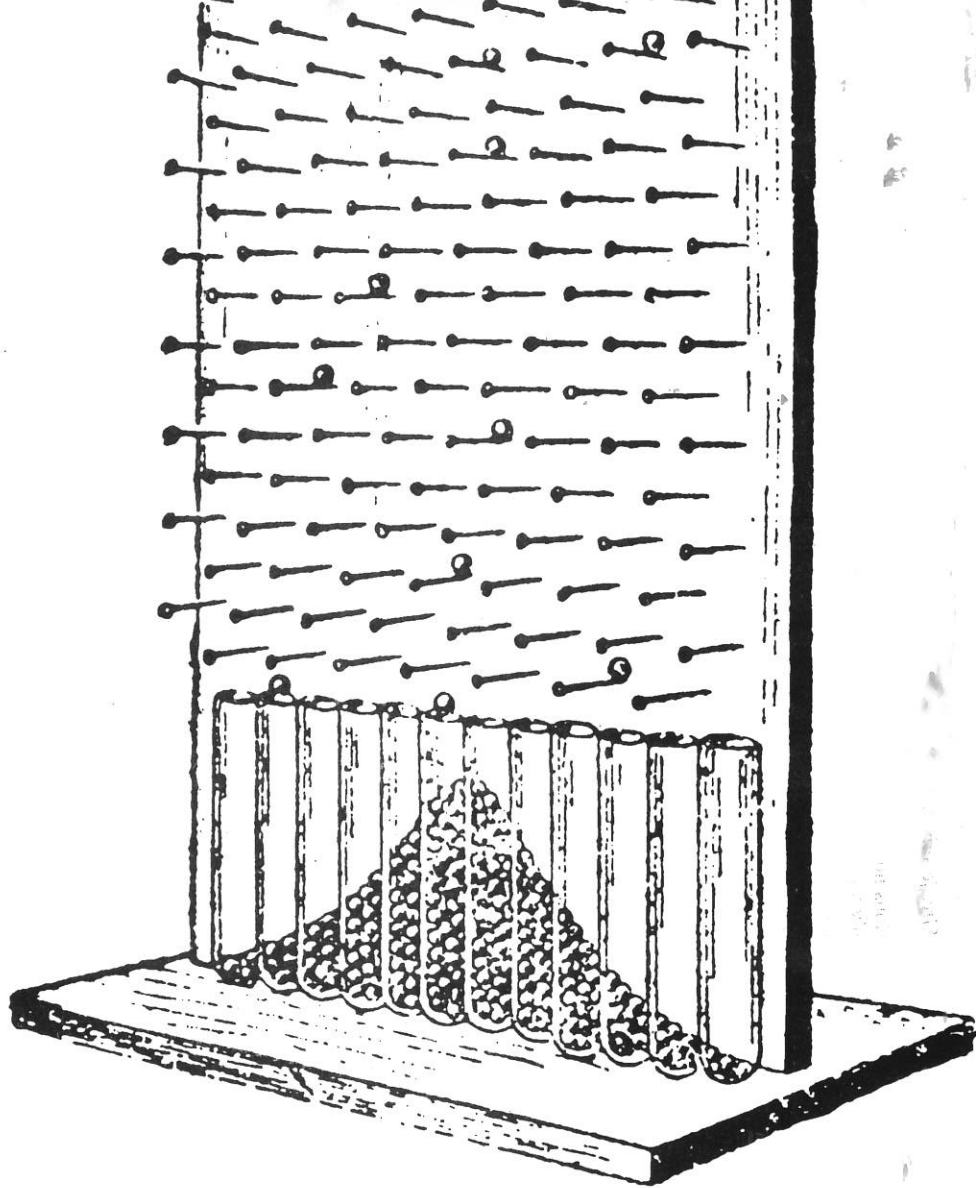
1956, Constant visita um acampamento de ciganos na cidade de Alba, em terreno de propriedade de seu amigo, o pintor Pinot-Gallizio, o qual no mesmo ano fundara, com Asger Jorn, o Movimento para uma Bauhaus Imaginista, em oposição à Bauhaus de Ulm, e que também contribuirá decisivamente na formação da IS. Gallizio havia cedido o terreno aos ciganos quando a Municipalidade decidiu expulsá-los de seu local tradicional de acampamento. A partir dessa visita Constant desenvolverá o projeto de uma habitação temporária, constantemente remodelada; um campo de nômades em escala planetária: Nova Babilônia — uma cidade nômade.”⁶

Assim Constant observa acerca das relações entre essas duas formas de territorialidade antagônicas: “no espaço organizado, *enquadrado* da sociedade, os nômades inventam uma extensão sem relação com as configurações coletivas das quais os lugares são apenas formas que se explora e se abandona, e os centros, armadilhas nas quais jamais se cai”. Não imaginemos, entretanto, que a deriva siga plenamente os ditames do acaso. O aparelho indicador dos caminhos de deriva, ao permitir o traçado automático da curva de Gauss, como indica a posição das esferas na parte inferior dos tubos, situa os problemas artísticos da deriva ao nível dos trajetos relativamente imprevisíveis de cada esfera. A deriva, enquanto modo de ação e modo de conhecimento, permite a identificação de fronteiras e barreiras, zonas ambientais com características específicas no interior de cada unidade ambiental determinada. Khatib, ao realizar seus estudos psico-geográficos no Halles, em Paris, conclui: “estas diferentes direções que se recortam nesta placa giratória afetam fortemente o caminho que um indivíduo ou um grupo seguirão, com uma aparência de espontaneidade”.

Mas se a deriva está sempre circunscrita aos moldes do desenho urbano e sujeita aos seus fluxos ordenados e dirigidos, procurando enfrentá-los, ela jamais poderá ser plena. É o próprio Gilles Ivain que, em uma carta de 1963 enviada a Michèle Bernstein e Guy Debord, de uma clínica psiquiátrica onde estava internado há já cinco anos, retifica sua noção de deriva contínua, apontando a impossibilidade do nomadismo absoluto, total. Esta consciência, que os tupis-guaranis adquiriram ao se suicidarem coletivamente na busca da *Terra*

Aparelho indicador de caminhos de deriva





sem mal⁷, revela a contradição do ser nômade: a necessidade de interrupção, ainda que temporária, da viagem. Ou, como afirma Ivain: "a deriva contínua é um perigo na medida em que o indivíduo é ameaçado de explosão, de dissolução, de desintegração. O que é a recaída nisso que se chama a *vida corrente*, isto é, a *vida petrificada*."

O urbanismo unitário da IS, em sua aceitação do efêmero, renunciando à forma para ganhar todas as formas, resgata o nomadismo em suas manifestações metropolitanas. Da vagabundagem do servo desterritorializado, à deriva da IS, passando pelos percursos do *flâneur*, esboça-se a mesma tensão presente nas cidades contemporâneas entre a *polis* e o *nomos*. No andar por andar dos punks, que "não nomadizam pela extensão de seu movimento, mas pela intensidade da trajetória", como observa Janice Caiafa⁸, ou na paquera dos sujeitos envolvidos nas transações do meio homossexual, estudados por Néstor Perlonguer,⁹ é a deriva como jogo que se faz presente, e o acaso marca seu caráter libertário.

A IS, tributária da tradição surrealista e utópica, recolhendo elementos das vanguardas experimentais do pós-guerra — Cobra, Internacional Letrista, Movimento para uma Bauhaus Imaginista —, herdeira também do marxismo de Lukács, conselhistas e anarquistas, de Henri Lefebvre, com o qual rompe e acusa de plágio, e de Sartre, de quem toma a noção de situação e uma postura existencialista frente ao mundo — lidos por um quase sempre dogmático Debord — anuncia questões que a arquitetura e o urbanismo modernos sonharam. Em sua crítica radical à banalização da vida cotidiana recusa a noção de conforto dos modernistas, bem como os mecanismos de espetacularização da mídia e as estratégias de fixação e confinamento das sociedades contemporâneas. Quebrando-se em *lascas de mármore*, após várias exclusões de seus membros, a IS marcará a fusão entre arte e política, fazendo da produção artística uma ação militante e subversiva. De seus textos ferinos e atividades experimentais ouvimos o chamado selvagem de Jack London:

Ancestrais desejos nômades irrompem, enraivecidos pelo cativo. A condição de fera acordada de novo do seu sono brumoso.

6
Nieuwenhuis, Constant
New Babylon — une ville nomade in
vários autores
Nomades et vagabonds
10/18 Paris 1975

7
Clastres, Hélène
Terra sem mal
Brasiliense, SP 1980

8
Caiafa, Janice
Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub
Jorge Zahar, RJ 1985

9
Perlonguer, Néstor
O negócio do michê
A prostituição viril
Brasiliense, SP 1987